Mais sobre a *Perícope*

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

A frase "a *Perícope*" refere-se a João 7.53-8.11, um trecho de doze versículos. Eles são omitidos em cerca de 15% dos manuscritos gregos conhecidos, incluindo todos os unciais primitivos, exceto o Códice D (o Códice C tem uma grande lacuna de 7.3 a 8.34, enquanto o Códice A tem uma lacuna ainda maior, de 6.50 a 8.52). Mas isso significa que 85% o contêm, incluindo a tradição latina que data do século II. Isso é mais antigo do que qualquer um dos manuscritos conhecidos. Por mais de 200 anos, o mundo acadêmico tem geralmente contestado a autenticidade desse trecho. A antiga série Nestle do Novo Testamento Grego colocava-o nas notas de rodapé. A série mais recente da UBS/N-A coloca-o entre colchetes duplos, [[ ]]. Aqui está a explicação deles: “Colchetes duplos são usados para cercar passagens que são consideradas adições posteriores ao texto”. As versões modernas geralmente seguem o mesmo caminho, de uma forma ou de outra. A autenticidade da passagem é, pelo menos, questionada, se não rejeitada.

Imaginando (apenas para fins de argumentação) que a passagem seja espúria, como ela poderia ter se intrometido aqui, e com tal efeito que é atestada por uns 85% dos manuscritos, espalhados por todo o mundo mediterrâneo? Vamos tentar ler a passagem maior sem esses versículos — devemos ir diretamente de 7.52 para 8.12. Revendo o contexto, os principais sacerdotes e fariseus haviam enviado guardas para prender Jesus, sem sucesso; uma "discussão" se seguiu; Nicodemos fez uma consideração, à qual os fariseus responderam:

(7:52) "Será que tu também és da Galileia? Pesquisa e vê, da Galileia nunca surgiu profeta."

(8:12) Então Jesus falou-lhes novamente dizendo: "Eu sou a Luz do mundo ..."

Qual é o antecedente do pronome "lhes" e qual é o significado do advérbio "novamente"? Pelas regras normais da gramática, se 7.53-8.11 estiver faltando, então o pronome "lhes" deve se referir aos "fariseus" e "novamente" significa que já houve pelo menos uma conversa recente. Mas 7.45 deixa claro que Jesus **não estava lá** com os fariseus, de modo que sem a *Perícope* 8.12 simplesmente não faz sentido. Assim, a série UBS/N-A e todas as edições "críticas", assim chamadas, introduzem uma aberração. Aliás, 8.12 pressupõe 8.2. “Ao amanhecer, Ele retornou para a templo, e todo o povo vinha ter com Ele; e assentando-se Ele começou a ensiná-los.” Jesus estava ensinando o grupo de pessoas ao Seu redor quando foi rudemente interrompido. Após a interrupção, Ele retomou o ensino ao povo.

Há mais de 150 anos, Henry Alford argumentou que as pessoas ofendidas pelo episódio teriam removido apenas 8.3-11, não 7.53-8.11, e alguns manuscritos realmente fazem isso. De sorte que a explicação de Alford para a omissão da *Perícope* não explicaria a omissão de 7.53-8.2. Mas Alford estava enganado. Considere: “Então, assentando-se, começou a ensiná-los. Então Jesus lhes falou novamente, dizendo”. O “então” e o “novamente” simplesmente não fazem sentido. Assim, quem queria se livrar da interrupção teve que remover o versículo 2 também. Mas o versículo um tem Jesus no Monte das Oliveiras, o que também não funcionaria; então eles também tiveram que remover o versículo um. Se 7.53 está lá ou não, não muda o problema, mas quem projetou a omissão decidiu incluí-lo.

Mesmo assim, Bruce Metzger afirmou que a passagem "interrompe a sequência de 7.52 e 8.12 e versículos seguintes" (p. 220 em seu ‘Commentary’), o que é obviamente falso. Será que Metzger não conhecia gramática? Procurar os antecedentes de 8.12 em 7.37-39 não apenas desrespeita a sintaxe, mas também entra em conflito com 8.13 — "os fariseus" respondem à afirmação de Jesus no versículo 12, mas "os fariseus" estão em outro lugar, veja 7.45-52 (se a *Perícope* estiver ausente).

Metzger também afirmou que "o estilo e o vocabulário da *Perícope* diferem notavelmente do resto do Quarto Evangelho" — mas os falantes nativos de grego daquela época não estariam em uma posição melhor do que os críticos modernos para notar algo assim? Então, como eles poderiam permitir que uma passagem tão "estranha" fosse forçadamente introduzida no texto? Eu afirmo que a resposta evidente é que eles não permitiram; ela estava lá o tempo todo. Também protesto contra o uso de colchetes aqui. Uma vez que os editores claramente consideravam a passagem espúria, deveriam ter sido consistentes e a deletado, como fizeram a NEB e Williams.

Em um número considerável de manuscritos, há um rabisco, ~, em tinta vermelha na margem ao lado de cada linha de texto dos doze versículos. Houve quem usasse esses rabiscos como um argumento contra a passagem. No entanto, os mesmíssimos rabiscos, na **mesma tinta vermelha**, são encontrados em manuscritos de mosteiros espalhados. Evidentemente, uma única pessoa recebeu a ordem de fazer isso e carregou seu próprio pote de tinta de lugar em lugar. Disso decorre que esses rabiscos são fraudulentos e não devem ser usados como evidência.

Agora chego ao testemunho da Família 35, que faz parte dos 85% mencionados acima. Pelo que me lembro, há apenas um manuscrito, contra mais de 250 manuscritos que compõem a família nos Evangelhos, que omite a passagem. Portanto, a Família 35 é praticamente unânime a favor da *Perícope*. Se a Família

35 é a linha de transmissão que Deus usou para preservar a redação original precisa do Novo Testamento, como argumentei em outro lugar, então a passagem, 7.53-8.11, é certamente genuína. Fazia parte do Evangelho de João exatamente onde está, quando ele o compôs. Contudo, a questão da redação exata da *Perícope* é uma matéria de certa complexidade que passarei a considerar.

De passagem, caso seja de interesse para alguém, mencionarei Agostinho. Àqueles que perguntavam: "Por que a história foi omitida?", o proeminente pai da igreja e teólogo Agostinho (por volta de 430 d.C.) respondeu: "Certas pessoas de pouca fé, ou melhor, inimigos da verdadeira fé, temendo, suponho, que suas esposas recebessem impunidade para pecar, removeram de seus manuscritos os atos de perdão do Senhor para com a adúltera, como se Aquele que disse 'não peques mais' tivesse concedido permissão para pecar." (Ver Agostinho, "Adulterous Marriages" [2.7] trad. por Charles T. Huegelmeyer, em *Saint Augustine: Treatises on Marriage and Other Subjects* (New York: Fathers of the Church, 1955), p. 107.) [Extraí este material sobre Agostinho de *Living Water: The Gospel of John—Logos 21 Version*, Absolutely Free Incorporated, p. 74.]

Hermann von Soden e sua equipe cotejaram mais de 900 manuscritos para esses doze versículos. Ele reduziu esses 900 manuscritos a sete famílias, ou linhas de transmissão, que chamou de $\mathbf{M^{1,2,3,4,5,6,7}}$ (sendo o M a primeira letra de 'adultério', em grego). As três últimas famílias eram, de longe, as maiores, sendo qualquer uma delas maior do que as quatro primeiras combinadas. Maurice A. Robinson cotejou 1.505 manuscritos de texto contínuo para os doze versículos e confirma que essas três famílias existem. O texto grego Prioridade Bizantina R-P (edição de 2005) segue $\mathbf{M^5}$. O texto grego da Maioria H-F segue $\mathbf{M^6}$. O texto grego da Família 35 segue $\mathbf{M^7}$. Comparando as três edições, a evidência objetiva favorece alguma delas em detrimento das outras?

Passo agora a analisar essa questão. Se duas delas concordam, refletem a mesma fonte, e essa fonte deve ser mais antiga que suas derivadas. Se temos uma situação envolvendo essas três linhas — chamemos de **1, 2, 3** — que se dividem em **1&2** contra **3** e **1** contra **2&3**, mas nunca **1&3** contra **2**, então **1&2** têm a mesma fonte, e **2&3** têm a mesma fonte. Agora nos deparamos com a pergunta: **1&2** e **2&3** têm a mesma fonte, ou têm fontes diferentes? Se têm a mesma fonte, então a linha **2** é mais fiel a essa fonte do que a **1** ou a **3**, sendo o denominador comum. Mas como podemos determinar se elas têm ou não a mesma fonte? Para responder a essa pergunta, usarei $\mathbf{M^5}$, $\mathbf{M^6}$ e $\mathbf{M^7}$ da *Perícope*, ou **5**, **6** e **7**.

Meu artigo, “O tratamento que Von Soden deu a seu **K^{r}**”,[1] contém uma comparação das três nos 32 conjuntos de variantes que são relevantes para este exercício; isto é, onde uma delas difere das outras duas (com base nos cotejos de Robinson). Quando as três concordam, elas refletem a mesma fonte, por necessidade. Fiz uma contagem aproximada do total de palavras dentro daquele trecho de texto que estão contidas em todas as três famílias: são 146. Portanto, para essas 146 palavras, todas as três famílias têm uma fonte comum, que presumivelmente é o Original.

Agora considerarei os lugares onde a linha **5** diverge das outras duas: são 18 palavras. Para três dessas palavras, a **5** está dividida internamente. Então, o que devemos concluir: para essas 18 palavras, a **6&7** se desviaram e a **5** permaneceu com a fonte comum? Nesse caso, a **6&7** representaria um nó subsequente à fonte comum. Mas não é muito mais provável que tenha sido a **5** que se desviou, especialmente nas palavras em que está dividida?

Agora considerarei os lugares onde a linha **6** diverge das outras duas, mas o cálculo é difícil porque a **6** é bastante instável, com considerável divisão interna. Ela está dividida internamente 17 vezes do total de 32 conjuntos de variantes, e em 12 das 17 vezes uma das variantes concorda com a **7**, enquanto em 9 dessas 12 vezes ela também concorda com a **5** (assim, nesses 9 conjuntos, todas as três linhas refletem a fonte comum, embora uma delas o faça apenas em parte). Há 12 palavras onde a linha 6 diverge das outras duas sem divisão — será que a **5&7** se desviaram e a **6** permaneceu com a fonte comum? Dada a sua instabilidade, realmente parece mais provável que tenha sido a **6** que se desviou. Se não, **5&7** representaria um nó subsequente à fonte comum.

Na maioria dos lugares onde a **5** ou a **6** diferem da **7**, a alteração faz pouca ou nenhuma diferença para a narrativa. As mudanças são possíveis, mas não necessárias. Contudo, no início de 8.1, qualquer uma das leituras da linha **6** é inferior dentro do contexto, e a primeira das duas é claramente inferior. Em 8.3, a linha **5** aparentemente tem uma forma do verbo ‘deixar para trás’, em vez de ‘agarrar’, o que não faz sentido. Se a forma é para representar ‘agarrar’, está grafada incorretamente e é ‘estranho’. O autor, João, era um pescador, cujo grego não seria clássico ou erudito. Considero que nem a **6** nem a **5** podem ter a leitura original nesses lugares, e a **7** preserva o original. Estar errado mesmo uma única vez não ajuda a credibilidade delas.

[1] O artigo está disponível no meu site, www.prunch.org, ou no meu livro *Como Identificar a Redação Original do Novo Testamento*.

Preciso informar ao leitor que nos cálculos acima não incluí um conjunto de variantes onde todas as três linhas têm algo diferente (e os Lecionários têm uma quarta variante, o que é curioso, mas este exercício não os inclui). Também não incluí outro conjunto que envolve apenas uma grafia diferente para a mesma palavra e onde todas as linhas apresentam alguma divisão. Agora, a linha **7** tem um perfil/mosaico único, claro e inequívoco, definido por 127 manuscritos — não há variação interna entre eles (os 127 são precisamente os mesmos para todos os doze versículos). Isso contrasta dramaticamente com a **6** e a **5**. Além disso, a **7** e a **6** se unem contra a **5** quatorze vezes; a **7** e a **5** se unem contra a **6** nove vezes; mas a **6** e a **5** não se unem contra a **7** nenhuma única vez. Então, isso significa que a **7** depende da **5** e da **6**, ou significa que a **5** e a **6** são desvios independentes da **7**?

De passagem, quando a **7** se junta à **5** ou à **6**, ela é o texto da "maioria". Apesar disso, Hodges optou por seguir a $\mathbf{M^6}$, produzindo um texto da "minoria". A primeira edição da R-P era majoritariamente $\mathbf{M^7}$, por ser a "maioria"; no entanto, para a segunda edição, de 2005, escolheram seguir a $\mathbf{M^5}$, produzindo um texto diferente da "minoria".

Se **6&7** e **5&7** representam nós diferentes subsequentes à fonte comum, como poderia a **7** fazer parte de ambos os nós? Como poderia a **7** ser uma revisão baseada nesses nós se ela já existia? Se não existem tais nós, então temos três linhas independentes de transmissão. É necessário compreender o significado da ausência de **5&6** contra **7**. Significa que as três linhas não são iguais. Ou a **7** é superior às outras duas, ou é inferior a elas. Então, qual das duas opções é a verdadeira? As três linhas têm perfis ou mosaicos de leituras distintos. Isto é, cada uma tem uma lista de variantes de leitura que é diferente de todas as outras tais listas; cada linha tem seu próprio DNA, por assim dizer. Isso argumenta contra a possibilidade de que quaisquer duas delas tivessem uma fonte comum subsequente à fonte principal que se reflete nas três. A ausência de uma fonte subsequente significa que a **7** é mais fiel à fonte principal do que qualquer uma das outras duas e é, portanto, superior a elas. Ela é o denominador comum. Além disso, o conjunto em que as três seguem caminhos separados prova que a **7** é independente das outras duas naquele ponto; qual base objetiva existe para dizer que ela não é independente delas em outros lugares também? Lembre-se de que as três concordam em 146 palavras, em comparação com as 18 palavras exclusivas da linha **5**, e as 12 palavras exclusivas da linha **6** — e as zero palavras exclusivas da linha **7** (exceto pelo conjunto em que as três são diferentes, e eu não contei essas palavras em lugar nenhum).

Se alguém quiser argumentar que a linha **7** é uma revisão baseada nas outras duas, deve dizer quem a fez, quando e onde, e fornecer evidências objetivas para a afirmação. Se uma revisão aconteceu em etapas, quem direcionou essas etapas? E como pôde a mesma 'etapa' acontecer em uma variedade de mosteiros isolados? Existem cópias idênticas espalhadas por toda a área do Mediterrâneo. Como poderia uma revisão alcançar tal distribuição? Em nenhum momento da história da Igreja houve um órgão de controle humano capaz de produzir esse efeito.

A confusão interna que caracteriza a linha **6** não mina a sua confiabilidade? Caso que sim, ela é a pior das três. Em forte contraste, além dos 127 manuscritos que são idênticos à **7**, outros 55 diferem por apenas uma única letra, o que apenas dá uma grafia diferente para a mesma palavra (= 182 manuscritos); outros 26 diferem por uma única alteração; outros 27 diferem por duas alterações (= 235 manuscritos), e assim por diante. O nível de consistência interna que caracteriza a **7** (Família 35) é extraordinário; nenhuma outra linha de transmissão, em lugar nenhum do Novo Testamento, chega perto desse nível. Se você crê que a Bíblia é a Palavra de Deus, que declara a intenção de Deus de preservá-la, o que esse quadro lhe diz?